

BUDISMO NO OCIDENTE: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DAS CRÍTICAS DE SLAVOJ ZIZEK OU COMO PENSAR ALGUNS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

BUDDHISM IN THE WEST: SOME REFLECTIONS BASED ON THE CRITICISM OF SLAVOJ ZIZEK OR HOW TO THINK SOME ASPECTS OF SPIRITUALITY IN THE CONTEMPORARY WORLD

ANTÔNIO C. MADALENA GENZ^(*)

^(*) Doutor em Filosofia Medieval pela UFRGS. Mestre em Antropologia Social também pela UFRGS. Suas áreas de interesse e pesquisa são alma e intelecto, filosofia e antropologia da religião, identidade pessoal, modernidade e identidade. É autor de livros na área infante juvenil e atualmente é professor de filosofia junto ao Instituto Federal Sul Riograndense, no campus Jaguarão.
E-mail: tom.madalena9@gmail.com

Resumo

Há 2.600 anos, Sidarta Gautama abria um novo caminho de realização espiritual. Porém, foi apenas no último século que ela atingiu plenamente o Ocidente, espalhando raízes em diversas comunidades de práticas e outras formas de aderência no mundo ocidental. O teor da doutrina segue o mesmo no que diz respeito aos objetivos preconizados por Buda: um caminho gradual de libertação, visando à realização espiritual. Sob essa condição é que falamos aqui de budismo de Zizek. Para este, o budismo se apresentaria como portador de uma atitude conservadora e reacionária. Segundo Zizek, o budismo no capitalismo pós-industrial é algo palatável, um instrumento de adaptação a esse espírito do tempo. O que liga o budismo de Buda ao budismo de Zizek? Em outras palavras, o que liga aquilo que, a partir de Buda, tem um potencial revolucionário e o que, na crítica de Zizek, é assimilado pelo *status quo*, de forma a se transformar em conservador? A resposta a isso não pode ser senão a meditação.

Palavras-chave: Budismo. Zizek. Subjetivação. Modernidade. Capitalismo pós-industrial.

Abstract

2,600 years ago, Siddhartha Gautama opened a new path of spiritual fulfillment. However, it was only in the last century that it has reached the West, spreading its roots in various communities of practice and other forms of adherence in the Western world. The doctrine follows the same goals proclaimed by Buddha: a gradual path of liberation, seeking spiritual fulfillment. That is how we speak here about criticism of Buddhism by Zizek. For him, Buddhism would appear to have a conservative and reactionary attitude. According to Zizek, Buddhism in post-industrial capitalism is something palatable, a tool to adapt to this *Zeitgeist*. Zizek's critique is directed towards a kind of "Western Buddhism", absorbed within a constellation of New Age devices that would work in the background, confirming the hegemony of world capitalism. What connects the Buddhism of Buddha to the Buddhism as understood by Zizek? In other words, what connects what has a revolutionary potential in Buddha and that, as pointed by Zizek, which is assimilated by the status quo in order to become conservative? The answer to this can only be meditation.

Keywords: Buddhism. Zizek. Subjectivity. Modernity. Post-industrial capitalism.

1 INTRODUÇÃO

Slavoj Zizek faz uma crítica forte e dura ao budismo. Para ele o budismo, ao ser assimilado no Ocidente, se apresentaria como portador de uma atitude conservadora e reacionária. Para Zizek, o budismo no capitalismo pós-industrial é algo palatável, um instrumento de adaptação a esse espírito do tempo. A crítica é focada em uma espécie de “budismo ocidental”, que emerge e se constitui como algo dentro de uma constelação de dispositivos Nova Era que funcionariam, no fundo, como corroboradores da hegemonia do capitalismo mundial, para “manter a paz” e o equilíbrio de forma individualista, reforçando a dominação sobre sujeitos passivos.

Tomei conhecimento das críticas de Zizek quando finalizava trabalho de campo junto a uma comunidade zen-budista de Porto Alegre, que resultou em meu trabalho *A música silenciosa do Darma*. Pesquisando o budismo junto à comunidade denominada Via Zen, dirigida por um renomado mestre japonês, as críticas de Zizek ganhavam um contorno paradoxalmente dramático em termos intelectuais, pois ao mesmo tempo eu percebia que ele tinha uma visão limitada e parcial do budismo e, simultaneamente, boa parte do que ele dizia era procedente, pois apontava para um modo como o budismo e outras formas de espiritualidade, como o taoísmo, estavam sendo reapropriados e ressignificados no Ocidente. Assim, havia, para mim, o budismo de Buda e a crítica de Zizek a uma configuração emergente do budismo no Ocidente. Para os propósitos desse trabalho, adjetivarei a crítica do autor com o seu nome em referência a uma forma de budismo. Esse é o Budismo de Zizek, ou seja, a forma de budismo que Zizek critica.

O ponto todo é, então, centrado em torno da questão de encontrar um critério que possa servir como elemento de mediação e contraposição entre essas duas formas de budismo. Em síntese, que elemento no próprio budismo poderia servir para efetuar a distinção entre o budismo de Buda, com seu potencial por intermédio do Darma (o ensinamento) e da Sanga (a comunidade de praticantes) para a libertação, e o budismo para o qual aponta Zizek, essa forma de budismo que configura uma prática dita espiritual – e que não se limita ao budismo – como um dispositivo que reforça a dominação no regime do capitalismo pós-industrial? Vou procurar mostrar que esse critério é a meditação, que é justamente o cerne da prática budista. A meditação é o eixo em torno do qual se desenvolve a espiritualidade budista. E no interior da meditação, ou

seja, indo mais ao centro dessa espiritualidade, procurarei mostrar que o fundamento da meditação budista passa pelo corpo. Ou seja, o corpo é o instrumento da meditação. Assim, é através do corpo que, em última instância, mostraremos onde começam e onde se bifurcam essas duas formas de budismo.

2 OS DOIS BUDISMOS: O DE BUDA E AQUELE SOB CRÍTICA DE ZIZEK:

Como meu foco é o Ocidente, o marco dentro do qual isso será feito é o do modelo de subjetivação em que se implementam contemporaneamente essas práticas e que tem relação direta com a noção de sujeito surgido a partir de Descartes. Caracterizando esse modo de subjetivação como o da modernidade, especificando sua noção de eu e investigando a questão da identidade desse eu com a dimensão da corporeidade é que procuraremos estabelecer um marco a partir do qual confrontaremos os dois modelos de budismo aqui propostos. Se o sujeito moderno é originário de um modelo de subjetivação que tem sua raiz em Descartes, é necessário salientar que é justamente o desenvolvimento dessa modernidade como projeto de civilização que permite a disseminação do Budismo no Ocidente.

O budismo que Zizek nos mostra é um tipo de budismo palatável, domesticado e absorvido pela sociedade consumista. Ao invés da autonomia e plena responsabilidade enfatizadas por Buda para cada indivíduo, temos um sujeito passivo que reforça sua prisão com o capital simbólico de uma paz interior e serenidade que não levam à libertação, mas de forma insidiosa e sutil tornam a prisão mais oculta. Um grau novo do individualismo contemporâneo em que o sujeito é estimulado a pensar que está transformando a si próprio, sem perceber as condições de sofrimento do mundo ao redor. Ao invés de *insights* reais sobre a natureza interdependente da realidade (conceito fundamental do budismo), uma falsa percepção de felicidade e do estatuto da realidade.

Vou relacionar, portanto, o budismo de Buda e o budismo que Zizek critica a partir da própria meditação. Em outras palavras, o que liga aquilo que a partir de Buda tem um potencial revolucionário e o que, segundo Zizek, é assimilado pelo *status quo*, de forma a se transformar em conservador? A resposta a isso não pode ser senão a meditação. Cerne da prática budista, em sua origem ela tem um potencial para a conscientização e para a transformação de si mesmo. Na visão de Zizek, a meditação

seria cooptada e investida de um capital simbólico a favor da exacerbação de um sujeito domesticado e dócil. Um ponto de esclarecimento necessário é salientar que, ao falar em Budismo de Buda, não estou sendo essencialista, mas me referindo a um corpo de ensinamentos e práticas transmitidas desde Buda e que fazem que seja possível falar em uma tradição viva, que é o caso do budismo. E, ao tomar como válidas as críticas de Zizek a uma configuração possível do budismo no Ocidente, não estou deslegitimando essas formas de budismo como se fossem um falso budismo, um budismo equivocado.

Em outras palavras, o que faz com que a meditação, que é uma prática árdua e difícil, que demanda criar uma espécie de contra-hábito ao hábito inercial de nossa mente à dispersão, como salientava Buda há 2600 anos, possa se tornar algo que na visão de Zizek tem como um dos seus efeitos o aumento da passividade de sujeitos ao mundo contemporâneo? Como uma cultura que estimula a fuga de si mesmo através do apelo ao consumo, submete a todos a um regime de bombardeamento de informações, impõe demandas de realização permanente do eu, que envolvem inclusive a bizarra noção de reinventar-se [palavra-fetice do neoliberalismo], como uma cultura assim faz com que a meditação seja assimilada a essa dinâmica como sinônimo de passividade e do bem estar e portadora de um capital simbólico de realização de si no interior do modelo servil da cultura capitalista pós-industrial?

Budismo e meditação são muitas vezes tomados como sinônimos no Ocidente. Mas, assim como podemos considerar o budismo algo novo ainda na cena cultural ocidental, a ideia de meditação é associada a algum procedimento mental, que visa dar paz, relaxamento e bem-estar. Não se faz ideia de que meditar é algo árduo e rigoroso como qualquer arte. E como tal, um processo lento, como tudo que tem sabor na vida (Aliás, há coisa mais avessa e subversiva ao sistema do que isso: que as coisas tenham duração no tempo, sejam lentas?!) Mais ainda, o ponto aqui é que o corpo é axial na prática da meditação. Meditar é antes de tudo e no fim das contas uma prática corporal. Não se medita sem o corpo e sem que este esteja em uma posição de equilíbrio, uma tensão harmônica como a do arco e da lira. No caso da meditação, trata-se de fazer que o corpo seja esse arco e a lira.

Acho que, assim, deixei clara a trajetória que faremos. Budismo, meditação, corpo; no papel que o corpo assume na prática da meditação, a diferenciação entre o

budismo de Buda, um budismo com o corpo, e o budismo que Zizek aponta, um budismo com a mente. Não é à toa que Zizek afirma que o budismo é a ideologia sob medida para a acomodação passiva ao mundo capitalista pós-industrial. Mas esse não é o budismo de Thich Nhat Hanh ou de Sulak Sivaraksa ou de tantos praticantes comprometidos com a mensagem de Buda, como pude observar em trabalho de campo.

Vamos a Zizek e suas críticas ao budismo em *On Belief*:

No momento mesmo em que no nível da 'infra-estrutura econômica' a tecnologia e o capitalismo 'europeus' triunfam em todo mundo, no nível da 'super-estrutura ideológica' a herança judaico-cristã é ameaçada no próprio espaço europeu pelo ataque do pensamento da "New-age asiática" a qual, em suas diferentes aparências, do 'Budismo Ocidental' (...) aos diferentes Taos, está se estabelecendo como a ideologia hegemônica do capitalismo global. (ZIZEK, 2001, p. 12)

Mais ainda, para Zizek, o 'Budismo Ocidental' se apresenta como remédio contra a tensão estressante da dinâmica capitalista, por permitir que nos dissociemos dela e retenhamos a paz interior e a serenidade. Mas, de fato, funciona como o perfeito suplemento ideológico daquela dinâmica:

(...) O Taoísmo e o Budismo ensinam a renunciar ao controle sobre o que acontece (...), a regra é 'deixar-se' ir' enquanto 'se guarda distância interior e indiferença em relação à dança louca do acelerado processo, distância baseada na compreensão que essa convulsão social e tecnológica é, em última instância apenas uma proliferação não-substancial de aparências que, verdadeiramente, em nada concerne o mais profundo cerne de nosso ser." (ZIZEK, 2001, p.13)

Para Zizek, a meditação nesse modelo de budismo ocidental é a forma mais eficiente à nossa disposição para "participar plenamente da dinâmica capitalista, retendo ao mesmo tempo a aparência de sanidade mental." (2001, p. 13). E, explicitamente, Zizek afirma que o budismo ou taoísmo, nos permite participar, de modo pleno, da paz frenética do jogo capitalista, mantendo a percepção de que não se está realmente nele, de que se está bastante ciente do quão irrelevante é esse espetáculo. O que realmente importa é a paz do self interior, para o qual podemos sempre nos retirar." (ZIZEK, 2001, p. 15)

Tendo a concordar com as observações de Zizek. Muitos dos modos e práticas de espiritualidade no Ocidente, não necessariamente budistas ou taoístas, englobando uma gama ampla de formas, parecem-me cair dentro dessa descrição. Mas, ao mesmo

tempo, nada está mais longe do potencial budista tal como preconizado por Buda e testemunhado por praticantes budistas ocidentais. Mais do que isso, o budismo é uma das formas mais contundentes de crítica a essa mesma sociedade consumista, niilista e destrutiva que Zizek combate.

Para contrastar a visão de Zizek, podemos evocar a presença de um monge tão atuante quanto Sulak Sivaraksa, esse notável monge tailandês, companheiro de Thich Nhat Hahn, naquilo que se denomina de budismo engajado, por fazer uma crítica explícita ao mundo em que vivemos. No livro *A sabedoria da sustentabilidade*, Sivaraksa descreve o consumismo como uma “religião demoníaca”, um dos principais condutores da crise do clima. Em entrevista à revista *Ecobuddhism*, ele nos diz que

Do ponto de vista budista, as três causas raízes do sofrimento são a cobiça, o ódio e a ilusão. O consumismo promove a cobiça. Atualmente a cobiça domina a sociedade global, através da publicidade na mídia e porque as corporações transnacionais estão no controle. Isto está relacionado com o ódio e a violência.

Cobiça e ódio andam juntas. As pessoas querem mais e mais, e se elas não conseguem, a violência toma conta. Mas subjacente a tudo está a ilusão. As pessoas em geral não sabem quem elas são – elas aspiram por mais poder, dinheiro e luxúria, qualquer que seja. Estas são as três causas raízes do nosso sofrimento.

O consumismo é uma expressão da cobiça. Muitos governos – mesmo democráticos, para não mencionar ditaduras – promovem o ódio. Mas bem no fundo está a ilusão. A ilusão está diretamente relacionada com a educação hegemônica vigente, que ensina as pessoas a como serem inteligentes, e promove a cobiça e o ódio. A educação hegemônica nunca ensina as pessoas a saber quem elas são. Eles nunca ensinam a como respirar apropriadamente – a base é sempre “cogito ergo sum” – um pensamento unidimensional.” (SIVARAKSA, in *Ecobuddhism*)

São duas falas que, justapostas, trazem esse inusitado: Sivaraksa faz uma crítica demolidora do sistema a partir do cerne da visão budista. E Zizek, que sabemos ser um crítico radical desse mesmo sistema, critica o budismo por ser uma espécie de instrumento desse sistema.

Mais do que falar em abstrato de uma religião, qualquer uma delas, a questão, no que importa, recai sempre no nível da prática e na qualidade de engajamento real com a religião. Vou passar a mostrar como isso no budismo se dá por meio do corpo. O corpo é o elemento central e fundamental para a prática do budismo, particularmente na sua forma zen. Encarar também o budismo a partir da perspectiva do corpo nos permitirá, de

fato, elucidar de forma clara a prática da meditação. Em resumo, é a prática corporal que atesta a qualidade e o tipo de meditação.

A propósito, não gostaria de me afastar da citação de Sivaraksa sem destacar duas coisas. A primeira é que ele aponta para algo concreto, o “respirar apropriadamente” ao criticar o modelo de educação que não ensina as pessoas a saber quem são. Para uma civilização como a nossa, que se tornou por demais fixa no mental e no abstrato, talvez essa seja a mais valiosa indicação: precisamos voltar ao contato com o concreto e material a partir de nós mesmos. A respiração é justamente o principal elemento de ligação com nós próprios e com o mundo exterior. O outro ponto é ele curiosamente citar Descartes, qualificando-o como exemplo de um pensamento unidimensional.

Vou apresentar alguns dados etnográficos oriundos de minha pesquisa junto à comunidade zen-budista de Porto Alegre. O principal *insight* é justamente essa noção de uma música silenciosa pela qual o ensinamento é incorporado, uma abordagem em tudo oposta ao padrão ocidental moderno introduzido a partir de Descartes. Assim, meditação/corpo/silêncio formam uma coesão e base. Poderíamos contrapor a isso a tríade dispersão/mente/palavra. Como diz Luiz Melodia, esse mestre zen do samba brasileiro em uma de suas letras, “se a gente falasse menos, talvez entendesse mais”. O budismo de Buda é um budismo do corpo e do silêncio. O budismo de Zizek é esse budismo em que o corpo não está presente, a não ser como um acessório, e o foco é a mente, mas uma mente que fala muito e adora se exibir, prática favorita do ego, no caso exibindo a meditação como um precioso ganho de capital simbólico.

O diretor espiritual do Via Zen era o japonês Moriyama Roshi, um grande e reconhecido mestre zen que, infelizmente, anos depois viria a estar entre os desaparecidos do terremoto seguido de tsunami que tanta tragédia causou ao Japão. Dentro do mais fiel espírito zen, a situação era de que Moriyama não se comunicava em português. E, de fato, isso não era impedimento para a transmissão da doutrina. Se o *zazen* é por excelência o espaço configurado de prática no qual se dá o “crescimento” na tradição, aqui tínhamos então a radicalização deste. Um integrante do Via Zen, um dos principais discípulos, Giovanni, disse-me que: “O interessante em se estudar o zen com o Roshi é que o ensinamento dele nos é dado realmente de mente-a-mente. Ele só me

disse aquela única frase, mas todo o resto estava dito ali, não foi algo que eu inventei. Ele fala com o seu corpo” (MADALENA GENZ, 2005, p. 48).

Roshi é o título honorífico no zen para um mestre altamente venerado por sua realização espiritual, o que era o caso de Moriyama. Ensino a mente a mente é expressão do zen para significar justamente a própria prática da meditação como eixo do ensinamento. O zen é regido pela prática regular do *zazen*, a meditação e, de tempos em tempos, de forma não regular, existem pequenos encontros individuais entre o mestre e seus discípulos. Giovanni está se referindo a um desses encontros. O importante é a frase final do relato, de que o mestre “fala com seu corpo”. Essa frase sintetiza um alto nível de condensação de toda a doutrina.

Há nela não apenas uma noção epistêmica radicalmente diversa da do ocidente moderno, pois ela afirma que o corpo é instrumento axial de conhecimento, mas de que ao longo do dia, nas atividades mais prosaicas, como cozinhar, limpar o mosteiro, fazer e tomar chá, existe um tônus, uma qualidade estampada e emanada a partir do corpo do mestre. É isso que é singular aqui.

O que Giovanni constata é ilustrado de forma mais cristalina ainda no relato de Taisen Deshimaru, um grande mestre zen, que viveu na França e teve papel marcante na implantação do budismo no Ocidente. Deshimaru fala de seu mestre, que lhe confidenciou um dia:

Porque o Zen me marcou tanto? Não foi a leitura do Shobogenzo, nem de nenhum outro livro, nem foram as palavras dos mestres que marcaram o meu espírito de principiante. Quando ingressei no Templo de Eihei-ji, eu era um monge muito jovem. Trabalhava nas cozinhas, fazia às vezes de mensageiro. Limpava o Dojo, comprava legumes, tofu (...) mas quando tinha tempo, à tarde, fazia Zazen no meu próprio quarto, imitando os jovens monges do dojo de Eihei-ji. Um dia, Tenzo, chefe de cozinha, personagem muito importante no Templo, abriu a porta do quarto, viu-me naquela postura e pareceu muito impressionado. Deu alguns passos para trás, com as mãos juntas em gassho e disse: ‘É o verdadeiro assento do Buda em zazen, o verdadeiro Buda vivo.’ Aí pensei: A postura do zazen é por si só o verdadeiro Buda vivo.

Portanto, o que vemos aqui é que o centro do budismo é a meditação, e a medula desta, seu eixo, é justamente o corpo. O zazen é uma prática não apenas corporal, mas

performática, no sentido de que é por meio do corpo que a doutrina se transmite e se enraíza no corpo do praticante.

A crítica de Zizek detecta um tipo de apropriação do budismo e em especial das técnicas de meditação, sejam budistas ou não, como um fator de individualismo e diferenciação social. A palavra-chave aqui é técnica. Em um mundo marcado pelo fetiche da técnica e em um ambiente pós-moderno em que fazer a bricolagem de toda e qualquer coisa é considerado como expressão de criatividade e inovação, estão dadas as condições para o budismo que Zizek critica: utilitária e pragmaticamente, pegue a técnica de meditação e vá em frente. E temos como resultado o budismo como panaceia de paz interior, adaptado ao sistema e vendido pelo mesmo, sem nada que esteja realmente fundado no budismo de Buda. Ao invés de compaixão e maior percepção da interdependência, vemos pessoas mais autocentradas no seu individualismo e, podemos dizer, em sua soberba, disfarçada muitas vezes em discursos inconsistentes sobre o bem comum e noções vagas de felicidade geral de todos.

O budismo que Zizek critica é esse budismo sem corpo, algo que na raiz nos faz retornar à clivagem instaurada por Descartes. Nas *Meditações*, Descartes dizia: “Não sou este agregado de membros que é chamado corpo humano”. A crítica procedente de Zizek faz sentido quando detectamos que ele, sem o saber, provavelmente, aponta para esse budismo sem corpo, e, portanto, sem doutrina. Um budismo mental, em que a meditação, aquilo que se diz meditação, é um simulacro ou qualquer coisa parecida. Como, por exemplo, um exercício para maior atenção e concentração visando à maior produtividade para o sistema. Ou como diminuidor de tensão e estresse e preventivo para depressão. Não estou negando eventual validade para essas coisas, apenas colocando-as no lugar apropriado. Elas não são meditação.

De certa forma, o corpo implícito no budismo que Zizek critica é um corpo acessório do sujeito. Como nos lembra David Le Breton, ao dualismo clássico em que o espírito ou alma se contrapunha ao corpo temos agora uma nova versão em que o corpo se opõe ao próprio sujeito. “O corpo não é mais, em nossas sociedades contemporâneas (...) a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável” (LE BRETON, 2007, p. 28)

O corpo tornou-se um empreendimento a ser administrado e é no interior dessa lógica que é alocado o budismo que Zizek referencia. O budismo de um mundo cada vez mais mental-abstrato, “habitado por uma humanidade retificada, realçada por próteses, ligada em computadores.” (LE BRETON, 2007, p. 51). Como destaca Marc Dery, um sujeito que é “menos ser humano do que centro nervoso orgânico de um sistema cibernético” (Dery, *apud* LE BRETON, 2007, p. 51)

A ideia de meditação é envolta ainda em uma névoa no Ocidente, uma ideia distorcida que tornou a palavra zen um adjetivo para alguém “em paz”, “numa boa”. Como meditar é algo que se dá por meio do corpo, vou centrar neste para mostrar que de fato meditar é difícil como toda arte. Não é fácil se estabilizar sobre o próprio corpo, centrando-se na respiração, que é nosso elo e interdependência com o mundo. É fácil a distração, é fácil ficar na frente da televisão ou em outra forma de passividade, até aquelas sofisticadas que escondem a passividade sob uma roupagem de falsa atividade, como os jogos e videogames, que podem ser vistos como uma forma perversa de passividade, já que, sob a aparência de atividade, hipnotizam e embotam os sentidos a ponto de esses progressivamente perderem o interesse no mundo real, concreto, esse mundo com o qual e para o qual nossos corpos foram feitos para sentir, perceber e realizar-se nele e através dele.

O budismo descreve o estado normal e habitual de nossa mente como “o macaco louco”, que como tal está sempre a pular de galho em galho. Nossa mente é assim por natureza, dispersiva. Meditar é ir em sentido contrário: estabilizar a mente, concentrar e, então, meditar. O consumismo, como Sivaraksa salientou, é exatamente esse estimulante perpétuo da mente distraída, o combustível do macaco louco. Meditar é ir contra esse dinamismo. Meditar é tornar-se ativo e concentrado mentalmente. O contrário, portanto, dessa maneira pós-moderna de inserir a espiritualidade na agenda pessoal como um item cada vez mais valorizado no mercado do capital cultural de gente moderna e descolada, que está no topo daquilo que o capitalismo oferece como bens e é expresso na publicidade de cartões de crédito, bancos, automóveis e tudo mais que serve de fetiche para o capital na sua vertigem avassaladora rumo... ao nada. Um mecanismo que faz girar não a roda do Darma, mas a roda de violência, destruição, ganância, ódio,

como apontou sabiamente Sulak Sivaraksa. A destruição das condições de vida em nosso planeta é emblema disso.

O ponto central aqui é mostrar que aquilo que permite a apropriação do budismo pelo *status quo* do sistema é a própria noção de sujeito da modernidade, surgida principalmente com Descartes, em que nossa identidade é a mente. Somos uma mente. O corpo é essa coisa extensa, que temos por adição, como um agregado, no fundo estranho, sobretudo no que diz respeito aos outros e ao mundo. O budismo que Zizek aponta é esse, ou essas formas, que fazem o sequestro da noção de meditação como algo que diz respeito exclusivamente à mente e, especificamente, a uma noção abstrata de mente, um budismo de ocasião e resultados rápidos, no espírito do tempo, como algo *pret-à-porter* para um sujeito que vive em um mundo de abstrações, a mais trágica das quais é ser uma abstração de si mesmo.

Esse é um equívoco fatal, já que para o budismo a meditação é uma prática corporal. Para o budista, é inconcebível pensar em mente sem corpo, sem a noção de respiração como elo fundamental que alinha o corpo à mente, e essa unidade de corpo e mente ao universo. Enquanto nessa visão sequestrada de budismo a meditação é algo fácil, ao alcance de qualquer um para resultados pragmáticos como os apontados acima, para o praticante ela é algo que exige constância, entrega, riscos e despojamento. Em suma, esvaziamento, como em todo caminho espiritual.

Ao falarmos em espiritualidade, é necessário dar alguma definição mínima desse termo tão aberto a diferentes habitações semânticas. Apresento uma que me parece incontroversa: espiritualidade é o desenvolvimento de uma consciência que nos torna progressivamente menos egoístas, mais altruístas e intensamente atentos a nós próprios e aos outros. Em outras palavras: espiritualidade é o oposto de egoísmo. Por isso a noção de compaixão, tão forte no budismo quanto no cristianismo ou qualquer tradição espiritual. Sentir com o outro, sentir o outro. O ponto aqui é que o caminho espiritual é árduo e desafiador, porque coloca em xeque todos os mecanismos, a maioria deles arraigados na forma de hábitos que temos para continuar fazendo a roda girar como um macaco louco.

A raiz da diferenciação entre os dois budismos é o corpo, o lugar em que a doutrina se estabelece, estabiliza e aprofunda. É também um critério para ir além da vagueza e ambiguidade com que o termo meditação é investido na sociedade pós-industrial. Buda não usava metáforas mentais como é corrente em um mundo que vive no mental abstrato. Na verdade, segundo os textos, Buda, assim como outro peregrino nesse mundo, Jesus, usava metáforas concretas referenciadas ao mundo da terra e da agricultura. Aliás, o zen nasceu do discurso de Buda, que consistiu em erguer uma flor para a sua comunidade de monges. Apenas um monge entendeu o gesto de Buda, compartilhado pelo sorriso, e este se tornou o primeiro patriarca do zen. Como se vê, uma tradição que nasce de um gesto, o do oferecimento de uma flor e um sorriso em comunhão. O discurso da flor. O sorriso a indicar o compartilhamento mente a mente, a partir de corpos ancorados na terra.

O capitalismo e seu *modus vivendi*, o consumismo, embalam e apresentam uma forma de budismo como uma espiritualidade sintonizada com eles, a partir da perspectiva bizarra da modernidade de inserir a espiritualidade como uma categoria a mais nas opções de vida, como uma peça que se encaixa, a peça da espiritualidade, investindo seu possuidor de maior capital social e simbólico nesse mundo performático.

Ao invés disso, a espiritualidade tangível é algo concreto, material, que se relaciona com a vida cotidiana. Desenvolver integridade na relação com o mundo é fruto da integração consigo mesmo, algo que exige muito e faz com que isso seja tudo menos algo inofensivo e pusilânime como as seções de meditação *cool*. Na verdade, a dificuldade aqui é abrir mão das imagens que temos de nós mesmos. Espiritualidade não pode jamais ser o refinamento de nossas personalidades, quanto mais um refinamento de nossas couraças psíquicas. Com uma canção que em espírito zen aborda a noção de Deus, Gilberto Gil já alertava que para falar com Deus temos que “ter a alma e o corpo nus (...) tenho que aceitar a dor (...) tenho que virar um cão (...) tenho que lambar o chão dos palácios, dos castelos suntuosos do meu sonho”. Meditar com regularidade no zen é iniciar esse processo.

3 NO EIXO DA MEDITAÇÃO, A CENTRALIDADE DO CORPO/MENTE.

Thich Nhat Hanh destaca que o discurso de Buda intitulado *Os quatro estabelecimentos da atenção plena* é muito importante e que os monges devem lê-lo pelo menos uma vez por semana. Segundo Hanh, esses quatro estabelecimentos são “o alicerce de nossa casa” (HAHN, 2003, p. 84). O primeiro estabelecimento é “a atenção plena do corpo no corpo” O segundo é reconhecer todas as partes de nosso corpo. O terceiro é observar os elementos dos quais o corpo é composto: água, terra, fogo e ar. Lama Anagarika (1993), ao falar da meditação, lembra que não nascemos *no* mundo, mas *do* mundo “(...) O universo é, em última análise, nosso próprio corpo.” E ainda, “não somos algo diferenciado do nosso corpo, e por isso também não o consideramos como um traje em que uma alma entra e sai.” (GOVINDA, 1993, p. 75) E, por último: “para que nosso corpo possa reagir corretamente a nossa experiência meditativa, devemos estabelecer uma ligação aprofundada em que nossa respiração é a melhor ligação entre o corpo e o mental-espiritual” (GOVINDA, 1993, p. 76).

Assim, partindo de dados etnográficos oriundos de minha pesquisa e aprofundando-os com o depoimento de mestres, espero ter mostrado a consistência e o fundamento corporal da prática budista no budismo. O que passo a fazer agora é esboçar como chegamos a esse corpo “abstrato” do sujeito moderno. Para isso, recorro a Michel Henry e sua bela obra *Encarnação*, que identifica justamente em Descartes, assim como em Galileu, o início desse processo que parece se consumir atualmente. Vejamos justamente o que ele diz em referência a Descartes:

Pela primeira vez na história da filosofia, propõe-se uma definição fenomenológica tão radical quanto explícita da essência do homem. Radical nisso de que o homem já não é algo, algo que aparece, mas o aparecer mesmo. A matéria de que o homem é feito já não é o limo da terra nem nenhuma outra matéria desse gênero, mas a própria fenomenalidade ou, como se diz, uma matéria fenomenológica pura: 'uma coisa que pensa e cuja essência toda é pensar'. (HENRY, 2014, p. 98)

O que vemos hoje é a realização, quatro séculos depois, das principais ideias e tendências que forjaram o pensamento e mundo modernos. A materialização disso é paradoxalmente a desmaterialização do corpo. Vivemos em uma cultura em que cada vez menos o corpo é uma parte integral de nós mesmos. Vivemos cada vez mais em nossas mentes, em funções abstratas e realizando tarefas que não dependem de nosso

corpo. Muitas vezes esse corpo é estorvo, como para o sujeito absorvido pela internet e pelo virtual e que é obrigado a voltar a esse mundo concreto em algum momento, quando seu corpo pede sono ou alimento. Corpo desvalorizado quando, mesmo não sendo cativo do virtual, percebemos que nosso corpo dói porque não cuidamos bem da posição em que ele ficou durante as horas em que ficamos à frente de uma tela para realizar nosso trabalho. Às vezes, ainda, conversando por algum canal virtual com o colega que está poucos metros distante, na mesma sala ou na próxima, o que daria ensejo a outro tipo de inter-relação se feita fisicamente, com o corpo e sua presença que somos nós.

Valho-me de Michel Henry, pois mais uma vez é ele que de forma notável decifra a gênese desse processo. Diz ele que “o mundo sensível é objeto, no início do século XVII, de uma crítica radical, que acarreta, paralelamente, uma mudança repentina da concepção tradicional do corpo.” (HENRY, 2014, p. 143.) Ele diz que há aí uma “desagregação da concepção ancestral do corpo”, resultante de uma decisão intelectual, tomada primeiramente por Galileu e consolidada de maneira singular por Descartes. Com Galileu temos “o ato profundador da ciência moderna e, na medida em que esta vai a partir de então conduzir o mundo, de toda a modernidade” (HENRY, 2014, p. 144).

O budismo que Zizek detecta e critica é justamente esse budismo que, ao encontrar o Ocidente, encontra um homem sem corpo, um homem mental, abstrato e, digamos agora, cada vez mais virtual. Passamos de um corpo sagrado a um corpo acessório e, mais ainda, a um corpo rascunho, como nos lembra Le Breton, um material sobre o qual o sujeito constrói sua identidade, sem qualquer vínculo fundamental e ao gosto das paixões despertadas pelo marketing.

Para Galileu, vale lembrar, este corpo sensível não é real, ele é uma ilusão, pois o universo real é um universo extenso, expresso na linguagem e em figuras matemáticas. A geometria permite o conhecimento dos corpos reais, quando a extensão é expressa em uma conhecimento racional de formas e figuras. Mais uma vez, como M. Henry lembra:

Ao conhecimento sensível dos corpos sensíveis, isto é, de suas qualidades sensíveis – opõe-se assim o conhecimento racional das figuras e das formas dos corpos reais extensos do universo material na geometria. Enquanto a primeira não dá lugar senão a proposições

singulares (...) a segunda constrói proposições necessárias, de validade universal e, como tal, científica.” (HENRY, 2014, p. 144)

Esse conhecimento geométrico do mundo material, que está na base da ciência moderna, não se restringe apenas ao plano do conhecimento. O que constatamos hoje no cotidiano da vida no século XXI é a consumação e a realização progressiva desse projeto no plano da realidade material do mundo. Não é por acaso que para os propagandistas desse mundo a verdade sobre ele é dada pelo marketing e suas pesquisas cada vez mais invasivas, feitas de forma invisível, inodora, e indolor, porque feitas por intermédio dos mecanismos de busca da internet.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso que as observações de Michel Henry nos ajudam a ver aquilo que Zizek aponta como uma espécie de sintoma de nossa época, além de proporcionar maior contexto ao fundamento da crítica de Zizek. Na verdade, com sua crítica, Zizek aponta um problema gravíssimo de nossa época. A própria noção de espiritualidade sendo sequestrada pelo campo da performatividade mental, como produto que qualifica um potencial sujeito que se define a partir da sua mente, não apenas em um conteúdo abstrato, mas como uma forma abstrata, já que a identidade passa a ser algo construído de forma exclusivamente mental, sem relação com o substrato corporal que nos enraíza no mundo. É, portanto, um budismo contrafactual, um budismo oposto ao budismo de Buda. A ironia nisso tudo é que, para os “investidores” no pretense capital simbólico do budismo e do taoísmo, algo que conta, “que faz a diferença”, é que o budismo e o taoísmo teriam uma outra forma de relação com o corpo e com a natureza. A ironia é que justamente o indivíduo por trás desse tipo de fala é um “sujeito sem corpo”, um sujeito abstrato, que vive em sua mente, que pratica a meditação, às vezes até com alguma regularidade, em cursos de fim de semana e workshops. Isso com o intuito de melhorar sua produtividade e eficiência para o mercado, para “ser alguém” nesse mundo artificial dos “ambientes de negócios” que molda e configura cada vez mais os cenários – todos eles abstratos – em que vivemos e no qual os sujeitos descolados e membros da elite das sociedades ocidentais liberais democráticas são apresentados e se apresentam, ironia das ironias, como o ponto culminante do que é ser evoluído. Esse é o sujeito para quem, por exemplo, a mudança climática e a crise ecológica são problemas que com

toda certeza serão resolvidos com mais ciência e apropriação pelo regime do capital de todas as esferas da vida que ainda não estão subsumidas ao cálculo econômico. Esse é o sujeito que não tem solidariedade alguma com o passado e ao mesmo tempo se acha o acabamento mais perfeito da evolução da espécie.

O budismo alvo da crítica de Zizek é esse budismo compatível e ressonante à consecução de um projeto de modernidade que sob esse aspecto consumou aquilo que, mais uma vez, Michel Henry nos lembra:

A nova ciência geométrica do universo material não só descarta as qualidades sensíveis, os corpos sensíveis, o mundo sensível, mas os retoma em si, tratando-os como efeitos cuja causa ela exhibe. É assim que constituindo-se em sistema, dando conta das coisas materiais mas também da maneira como as sentimos, ela se propõe, em seu ato profundador, como um saber universal a que nada escapa, e o único verdadeiro.” (HENRY, 2014, p. 156)

Como um saber universal a que nada escapa, nem o budismo. E o único verdadeiro. Sendo assim, é muito provável que em algum tempo futuro o budismo sob a forma criticada por Zizek venha a ser hegemônico em relação ao budismo de Buda. A própria noção progressivamente propalada de que espiritualidade é algo que não tem a ver, necessariamente, com a religião, não seria um sintoma disso? A ironia é que essa proposição, apresentada como revolucionária, colocando as religiões no seu devido lugar, quer dizer, no passado, como algo arcaico e sem mais efetividade para nossa época, não deixa de ser uma expressão, no campo religioso, disso que Michel Henry apontava acima. Uma ciência que desmaterializa o mundo. Contrário a isso, vale lembrar o que afirma uma das escrituras budistas:

Sempre houve uma Realidade eterna. O reino da Realidade (dharma dhatu) existe eternamente, quer um Tathagata (um Buda ou iluminado) apareça no mundo ou não. Assim permanece o que é Real (dharmata) em todas as coisas, de modo eterno: assim permanece e mantém a ordem o Ente Supremo (paramharta). O que foi realizado por mim (o Budha) e por todos os Budhas é o Corpo da Realidade (Dharmakaya), o princípio auto-ordenador e eterno da realidade, a qualidade própria (tathata) das coisas, sua natureza (bhutata), a nobre Sabedoria que é a própria Verdade. O sol irradia em seu esplendor para todos de modo igual: de modo semelhante os Tathagatas (Budhas) irradiam a verdade da nobre Sabedoria sem recorrer a palavras e a todos igualmente.

Assim, o Lankavatara Sutra nos repõe as coisas em seu lugar: mesmo que o budismo como visto por Zizek ganhe força, ele nunca será capaz de impedir a

irradiação da verdade como um sol em seu esplendor. E isso não porque o Lankavatara Sutra seja intrinsecamente um texto sagrado de uma religião, mas por afirmar, em linguagem budista, a presença de Buda como fundamento não apenas da realidade, mas da própria prática humilde e persistente de todo praticante que, aventurando-se nessa que talvez seja a aventura por excelência do espírito humano, a da realização espiritual, embarca em uma jangada, movido por um desejo misterioso e meio informe, hesitante talvez, mas certo em si, por alguma espécie de nostalgia, de que há uma outra margem. Porém, mais que isso, movido pela presença do mundo como algo real, esse mundo sensível e concreto que habitamos a partir de nossos corpos.

REFERÊNCIAS

- GOVINDA, Lama Anagarika. *Reflexões budistas*. São Paulo: Editora Siciliano, 1993.
- HANH, Thich Nhat. *A essência dos ensinamentos de Buda*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.
- HENRY, Michel. *Encarnação – uma filosofia da carne*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo*. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2003.
- MADALENA GENZ, Antônio Carlos de. *A música silenciosa do Dharma: um estudo antropológico das práticas e representações de uma comunidade zen budista em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- SIVARAKSA, Sulak. Entrevista para Ecobuddhism em: <http://www.ecobuddhism.org/wisdom/interviews/ajss/> (Acessado em 25 de outubro de 2015)
- ZIZEK, Slavoj. *On belief*. Inglaterra: Routledge, 2001.